

# Presidente não vai interferir

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso está muito preocupado com as divergências entre os partidos que o apóiam, mas não interferirá nas eleições para as mesas diretoras da Câmara e do Senado. A preocupação maior de Fernando Henrique é com a continuidade, em 2002, da coalizão que lhe deu a vitória em 1998. Possíveis problemas na votação pelo Congresso, em 2001, de projetos que o governo considera importantes são considerados mais fáceis de serem resolvidos. Essa é, em síntese, a posição expressada por auxiliares próximos do presidente.

Fernando Henrique não vai interferir para encontrar uma solução, segundo auxiliares, simplesmente porque não há o que fazer. A briga entre o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente e líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), chegou a um ponto que qualquer solução será considerada derrota de um dos dois. A ofensiva de parlamentares tucanos em favor da candidatura do deputado Aécio Neves (PSDB-MG) à presidência da Câmara também é tida como sem volta. Logo, raciocinam os auxiliares, qualquer intervenção de Fernando Henrique será inútil e mais desgastante.

Se dependesse do presidente e dos chamados "tucanões" - os tucanos que integram o primeiro círculo do poder, como os ministros José Serra, Pimenta da Veiga e Aloysio Nunes Ferreira e o governador Tasso Jereissatti - não haveria disputa: Jader Barbalho e Inocêncio Oliveira (PFL-PE) teriam suas eleições para presidentes do Senado e da Câmara asseguradas pela base governista. Mas a bancada tucana na Câmara, com o apoio de dirigentes do PSDB, apoiou Aécio Neves e tornou a candidatura de Aécio Neves praticamente irreversível quando obteve o apoio do PMDB - interessado nos votos dos senadores tucanos para o candidato do partido a presidente do Senado.

No Planalto, o entendimento é de que o mal está feito. O único movimento capaz de mudar esse quadro, raciocina-se, é Barbalho desistir de sua candidatura e o PMDB indicar outro nome para presidir o Senado. Aí o acordo PSDB-PMDB seria mais facilmente furado na Câmara e os deputados peemedebistas poderiam votar com mais tranquilidade em Inocêncio. O senador Antonio Carlos Magalhães acena com uma perspectiva que leva ao mesmo resultado: Barbalho terá de desistir de ser candidato porque, até fevereiro, quando as mesas serão eleitas, novas e pesadas denúncias de corrupção serão apresentadas contra ele.

A força política de Antonio Carlos Magalhães é um dos fatores que inibem a ação do presidente Fernando Henrique. "Ele nada tem a perder", diz um ministro, referindo-se ao presidente do Senado. "O PFL não, mas ele pode jogar todas as cartas nessa briga", completa. Se perder a parada com Barbalho, Magalhães pode dar mais ênfase à sua posição de independência diante do governo, sem que nada de grave lhe aconteça. Ele mesmo já admite candidatar-se ao governo da Bahia, seu território, onde está imune a qualquer desgaste vindo de Brasília.